



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS DE LARANJEIRAS  
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA

LUAN RODRIGUES DA SILVA

ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA NA FAZENDA DOS PATOS –  
UM OLHAR ALÉM DO MASSACRE

LARANJEIRAS

2020

LUAN RODRIGUES DA SILVA

ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA NA FAZENDA DOS PATOS –  
UM OLHAR ALÉM DO MASSACRE

Trabalho de Conclusão de Curso sob a forma de artigo científico para a publicação na Revista CLIO Arqueológica apresentado ao Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Arqueologia, sob orientação do Prof. Dr. Leandro Domingues Duran.

LARANJEIRAS  
2020

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de dedicar esse trabalho de conclusão de curso à minha amada avó Zilda (in memoriam), muito obrigado vó, por tudo.

Agradeço à minha mãe Mirian, minha irmã Ana Christina, demais familiares, meu orientador Leandro, meus amigos de antes e durante a graduação e a todos aqueles que de alguma forma ajudaram na conclusão desse trabalho. Seria injusto citar a todos aqui e me esquecer de alguém, mas todos aqueles que ajudaram, espero que recebam o meu agradecimento. Obrigado a todos pelo tempo, carinho, amizade, críticas e broncas, aprendi e cresci muito durante esse tempo, foi um amadurecimento que vou levar para o resto da minha vida. Deixo aqui também meu agradecimento aos meus amigos caninos, Doug, Pretinha (falecida), Kevin, Toninho e Flora.

Agradecimento especial a todos que ajudaram nas etapas de campo e durante a escrita, são eles: Aíres, Anna Karolline, Cayo, Dayane, Érica, Filipe, Gabriela, Iury, Jesney, Josi, Lucas, Luciana, Marcus Vinícius e Marley.

Vocês foram de fundamental importância para a conclusão desse trabalho.

Aproveito para agradecer aos avaliadores da banca, Bruno Ranzani e Bruno Vítor, suas correções e dicas foram valiosas. Obrigado.

# ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA NA FAZENDA DOS PATOS

## Um olhar além do massacre

Luan Rodrigues da Silva<sup>1</sup>

*lrs1592@gmail.com*

### RESUMO

Este trabalho visa contribuir para a construção histórica da região do médio São Francisco a partir da Fazenda dos Patos, no município de Piranhas-AL. Essa fazenda passou por ciclos de ocupação e abandono por conta de um massacre histórico no cangaço. A partir de um quadro teórico metodológico baseado em historiografia e da Arqueologia da Arquitetura foi proposto um modelo hipotético da estrutura residencial e uma análise sobre como se estruturava essa fazenda do século XIX.

**Palavras-chave:** Arqueologia da Arquitetura, Arquitetura Rural Sertaneja, Fazendas de gado.

### ABSTRACT

This paper aims to contribute to the historical construction of middle São Francisco region. My study site is called "Patos Farm", a rural property in Piranhas municipality, state of Alagoas. This farm went through cycles of occupation and abandonment following a regional history of massacre. The historiography and actions inside the Archaeology of Architecture follow the hypothetical template of a residential structure and an analysis of how this farm of the 19th century was structured.

**Keywords:** Archeology of Architecture, Cattle Ranch, Rural Architecture.

### INTRODUÇÃO

A Fazenda dos Patos, objeto de pesquisa do presente trabalho, talvez seja uma das propriedades rurais mais comentadas nas obras de historiadores e memorialistas, dado ao fato de ter sido palco de um dos episódios mais cruéis e trágicos do cangaço: o assassinato do vaqueiro Domingos Ventura e grande parte de sua família pelo bando de Corisco. A família vivia na propriedade de posse do sr. Antônio de Britto, sogro de João Bezerra, este, responsável pelo embate na Grota do Angico, ocorrido dias antes e que erradicou Lampião e grande parte do seu bando. O massacre na Fazenda Patos ocorreu como uma forma de vingança (equivocada) à morte de Lampião. O vaqueiro foi acusado por outro coiteiro de ser o responsável pela entrega do esconderijo de Lampião. Aliada à essa informação, homens da volante estavam nas proximidades da Fazenda Patos um dia antes do massacre. O episódio, factualmente narrado em praticamente em todas as obras que tratam do cangaço lampiônico, em geral focam na crueldade da ação, mencionando o gênero e idade das vítimas, além da sádica prática da degola que se seguiu (MELLO, 2014; PERICÁS, 2015). A notoriedade desse espaço, porém, não foi além, deixando de ser refletido em pesquisas mais abrangentes ou ações públicas ou privadas de preservação,

---

<sup>1</sup> Graduando em Arqueologia pela Universidade Federal de Sergipe.

que se reflete no seu estado atual de arruinamento, habitado apenas pelos vultos do passado sertanejo.

Associada ao processo de ocupação constituído a partir da economia pecuária atrelada ao abastecimento de carne para alimentação e de bois de tração aos engenhos do Nordeste, que marca a paisagem da região são franciscana desde o século XVII (PRADO JR, 1945; ANTONIL, 1711; ABREU, 1930), a Fazenda dos Patos se caracteriza enquanto uma propriedade de médio a pequeno porte, marcada pelo baixo investimento arquitetônico, atrelada à chamada “arquitetura da terra”, moldada por técnicas construtivas vernaculares e matérias primas locais e de origem natural, que pelo olhar patrimonial, é tradicionalmente classificado como de natureza simplória e de pouca representatividade.

Como nos informa Diniz (2008), de uma maneira geral, a arquitetura rural não tem recebido a atenção devida por parte dos estudiosos e gestores do patrimônio edificado no Brasil e, quando ela ocorre, em geral está focada nos bens religiosos, especialmente os barrocos, além das estruturas de engenhos e grandes fazendas de café<sup>2</sup>, tipologias preferenciais dos processos de tombamento levados a cabo pelo SPHAN/IPHAN. É importante frisar, no entanto, que as primeiras ações de proteção do patrimônio civil rural aconteceram já na década de 1930 quando aquele órgão tombou a Casa da Torre, a Casa da Fazenda do Engenho D’água (RJ), a Casa da Fazenda do Viegas (RJ) e a Casa da Fazenda Taquara (Barra do Piraí – RJ). Posteriormente, na década de 1940, esse mesmo órgão tombou outras dezenove edificações rurais, seguindo-se outras oito unidades a cada década entre 1960 e 1980, números que caíram abruptamente a partir de então, tendo totalizado 55 tombamentos civis rurais entre 1938 e 2007. Mesmo no âmbito das políticas preservacionistas de Estados e Municípios, instituídas a partir da década de 1970 pelo Compromisso de Brasília (1970) e do Compromisso de Salvador (1991), como reforços às políticas federais, esse quadro não mudou substancialmente. No caso do estado de Alagoas, onde localiza-se a Fazenda dos Patos, nenhum tipo de patrimônio edificado rural foi tombado até 2006.

Nesse mesmo sentido, Diniz (2008) também afirma que os estudos especializados sobre patrimônio edificado de áreas rurais também apresentam uma importante limitação, mantendo-se presos aos valores elitistas e eruditos de valorização apenas de edificações requintadas, de formas elaboradas, confundindo Arquitetura com beleza estética expressa prioritariamente em elementos decorativos. Ainda segundo a autora, isso fica bem evidente nos poucos estudos publicados na Revista do SPHAN/IPHAN, como os de: Paulo Thedim Barreto, em seu pioneiro trabalho “O Piauí e sua arquitetura”, publicado na Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), em 1938, que apresentou considerações genéricas sobre a ocupação piauiense e características da arquitetura tradicional rural e urbana ali produzida durante os séculos XVII e XIX. Godofredo Rabelo de Figueiredo Filho, então diretor regional do SPHAN-BA, “A Torre e o Castelo de Garcia d’Ávila: os Ávilas e a conquista do Nordeste”, publicado em 1939, que trata da conquista territorial realizada pelos Ávila e, ao contrário do trabalho amplo de Paulo Thedim Barreto, focou somente na edificação denominada a “Casa da Torre”, residência datada do fim do século XVI e construída por Garcia d’Ávila como sede para

---

<sup>2</sup> Seguindo a ideologia vigente na época dentro das esferas patrimoniais de que o bem cultural deve ser estilisticamente perfeito, os “monumentos de pedra e cal” (LIMA, 1993, p.228) surgiram como objeto principal de seu interesse. Sendo assim, exemplares coloniais desse tipo de edificação se tornavam alvo de investigação, deixando de lado diversos locais que poderiam servir de atrativo para pesquisas.

sua fazenda. E finalmente, Jozé Norberto Macedo e Lyncurgo Santos Filho na década de 1950, que enfocaram aspectos sociais das propriedades rurais baianas.

| NÚMERO DE TOMBAMENTOS PELO IPHAN |                   |                       |
|----------------------------------|-------------------|-----------------------|
| Período                          | Bens civis rurais | Demais bens/conjuntos |
| 1937 - 1939                      | 4                 | 278                   |
| 1940 - 1949                      | 19                | 170                   |
| 1950 - 1959                      | 8                 | 151                   |
| 1960 - 1969                      | 8                 | 146                   |
| 1970 - 1979                      | 8                 | 78                    |
| 1980 - 1989                      | 6                 | 91                    |
| 1990 - 1999                      | 1                 | 33                    |
| 2000 - 2007                      | 1                 | 19                    |

Figura 1: Número de tombamentos pelo IPHAN no período compreendido entre 1937-2007.

De uma maneira geral, no Nordeste, o estudo da arquitetura do açúcar predominava em detrimento da arquitetura do gado. Os engenhos de produção de açúcar, situados no litoral, mereceram atenção na dissertação de mestrado de Esterzilda Berenstein de Azevedo, em 1985. Conhecida como *Arquitetura do Açúcar*, sua tese de doutorado, orientada por Júlio Roberto Zatinski, defendida em 1995, intitulou-se “Açúcar amargo: a construção de engenhos na Bahia oitocentista” que completou o seu mestrado. Além dela, Geraldo Gomes Silva elaborou a tese chamada “Engenho e arquitetura: morfologia dos edifícios dos antigos engenhos de açúcar pernambucanos” orientada por Carlos Lemos e defendida em 1990, na qual focalizou as tipologias predominantes condicionadas por aspectos econômicos, tecnológicos e sociais recorrentes à produção do açúcar na região. Apesar de raros no contexto brasileiro, podemos citar também estudos que trabalham com a pecuária e arquitetura.

A partir do que foi dito até aqui, a presente pesquisa se alinha com os princípios de valorização da arquitetura vernacular como expressos pelo Conselho da Europa<sup>3</sup> em seu Apelo de Granada. Esta carta alerta para a ameaça do desaparecimento da arquitetura rural na paisagem do continente europeu em virtude do desenvolvimento industrial agrícola, defendendo-a enquanto o testemunho de uma sabedoria secular; Também se aproxima da Carta do ICOMOS de 1999, sobre o patrimônio vernáculo edificado, considerado como sendo a expressão fundamental da identidade de uma comunidade, das suas relações com o território e, ao mesmo tempo, a expressão da diversidade cultural do mundo. Apesar do desenvolvimento que a chamada Arqueologia da Arquitetura vem conhecendo desde a década de 1960 enquanto área especializada, o foco no universo material sertanejo, incluindo aí as paisagens edificadas, ainda é extremamente raro, preferindo, em geral, as grandes fazendas ou engenhos vinculadas às classes abastadas, e deixando de lado as estruturas arquitetônicas simplórias das pequenas unidades rurais, como as que se proliferaram ao longo do Vale do São Francisco. Nesse sentido, e baseando-me mais uma vez em Diniz (2008), entendo que essas fazendas de gado se constituem enquanto de exemplares de grande relevância para o patrimônio edificado,

<sup>3</sup> O Conselho da Europa foi fundado em 1949 com o objetivo de realizar uma união mais estreita entre os seus membros, a fim de salvaguardar e de promover os ideais e os princípios que são o seu patrimônio comum e de favorecer o seu progresso econômico e social.

sendo um recorte da arquitetura popular daquela região e um dos pilares fundamentais da cultura sertaneja.

### **A fazenda de gado do São Francisco – contextualização histórica**

O início da pecuária em solo brasileiro é datado de 1534, quando, segundo Simonsen (1937), foram trazidas as primeiras cabeças dos arquipélagos de Açores e Cabo Verde, também colônias portuguesas, e onde a pecuária já tinha sido introduzida. Em outro momento, Tomé de Souza, ao assumir o cargo de governador geral, escreveu uma carta ao rei João III, na qual pede um lote de gados, ao que o rei lhe atende e “envia a caravela ‘Galga’ com quatro vacas e um novilho” (BRAGA, 1965, p. 24). A segunda “grande importação”, ainda segundo Simonsen (1937), foi feita por Duarte Coelho Pereira, donatário da capitania de Pernambuco, em 1535, quando, ao tomar posse, trouxe consigo quase uma centena de cabeças de gado. Existe uma tradição na historiografia brasileira que enfatiza o caráter monocultor, representado por ciclos econômicos correspondentes ao produto dominante em cada período. Linhares (1996) destaca que é errôneo pensar que o Brasil vivia de açúcar e depois de um novo produto “dominante”, como o café, por exemplo. Diversas culturas ocorriam de forma acentuada, em alguns locais até rivalizando com a cana de açúcar, podendo-se citar como exemplos a mandioca no Nordeste e a batata doce no centro-sul. Três sistemas agropecuários coexistiram e constituíram os primeiros séculos de colônia, influenciando as diferenças regionais e locais. Ainda segundo Linhares (1996), a historiografia difundiu o primeiro, que é a cana de açúcar, com a grande lavoura comercial e suas variações. O pastoreio, na sua forma mais difundida, e a pecuária extensiva, como o segundo sistema. Além de suas variações, a pequena lavoura, caracterizada pela roça, com o uso itinerante de terra, diferente das anteriores, mas com grande valor na subsistência, seria o terceiro sistema agropecuário.

Durante o período de expansão do gado pelo sertão nordestino, dois “centros de irradiação” (ANDRADE, 1974, p. 62) acabaram sendo formados e deles foi-se expandindo por toda a zona nordestina do país. Esses centros principais ocorreram na Bahia e Pernambuco. Ocorreu também uma expedição partindo de São Vicente, porém, não alcançou o Nordeste, mas também teve sua importância para o povoamento do interior sul do país. Em meados do Século XVII, completa Andrade (1974), a irradiação baiana chega ao São Francisco, onde se divide em duas direções, uma subindo o rio, em direção às minas, com significativa importância no povoamento e no abastecimento delas. Essa provocou, além da concorrência do sul, a qual também estava expandindo, a preocupação do Governo Geral, agora com sede no Rio de Janeiro, em fechar a comunicação com o norte. Tal comunicação poderia gerar o escoamento ilegal do ouro, atrapalhando a fiscalização que o governo mantinha na única via de acesso oficial que ligava as minas ao Rio de Janeiro. Eventualmente, o escoamento ilegal por outras vias ocorria, além do abastecimento de gado do norte para as minas, de forma mais dificultosa.

A segunda direção tomada pela irradiação baiana após o encontro com o rio São Francisco, continua Andrade (1974), foi rumo ao norte, transpondo-o e alcançando o estado do Piauí, onde acabaram se adaptando e posteriormente se tornaram as mais importantes fazendas do Nordeste, como nos conta Caio Prado Jr (2017). Grande parte desse gado era consumido na Bahia, apesar da distância que percorriam de até mil quilômetros. Porém, essa progressão não cessou no Piauí, ela transpôs o rio Parnaíba, seguindo para o Maranhão e ao leste, rumo ao Ceará. Ao chegar nesse estado, o movimento confrontará a irradiação pernambucana, a qual se direcionou rumo ao litoral, espalhando por Rio Grande do Norte, Paraíba e o próprio Ceará.

Essas movimentações podem ser vistas no mapa a seguir:

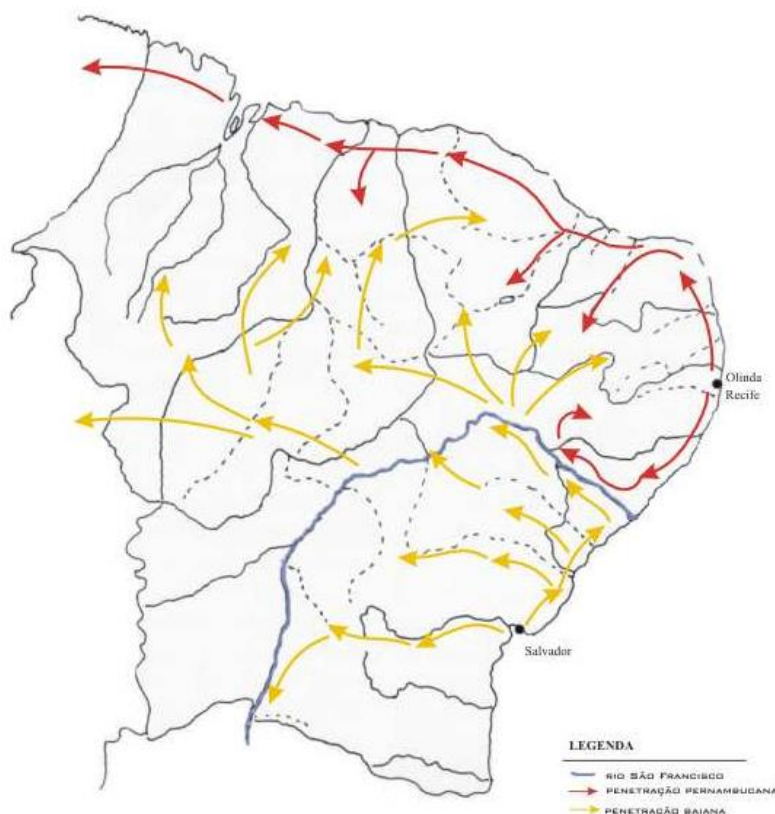


Figura 2: Rotas de expansão do gado partindo de Pernambuco e da Bahia.

A partir dessas irradiações, o interior do Nordeste foi ocupado, mesmo que de forma irregular, pela pecuária. Obviamente, o interior do Nordeste já era ocupado pelas populações indígenas nativas, o que acabou gerando diversos conflitos e alianças entre eles e os sesmeiros. Por conta da entrada forçada no território, os índios frequentemente reagiam com guerras, saques às vilas, fazendas e engenhos. Como resultado, escravizações, aprisionamentos e território devassado. Muitas fazendas, comenta Arraes (2012), estavam despovoadas por conta do ataque dos índios aos gados ali criados e os moradores, temerosos, mudavam de lugar. Segundo Teixeira e Hespanhol (2014), a atividade pecuária desempenhou papel importante na estrutura produtiva, primeiro no abastecimento dos núcleos urbanos e posteriormente na expansão em direção ao sertão nordestino, onde o gado passou a ser criado solto em pastagens naturais. Porém, em se tratando de desenvolvimento técnico, a pecuária brasileira colonial e imperial continuou precária apesar do aumento no efetivo. Segundo Da-Silva (1997), a expulsão definitiva do gado, em conjunto com a “expansão” da fronteira (pelas guerras de extermínio e escravização de nativos), formaram uma vasta rede de propriedades: as fazendas de gado.

O vaqueiro é um personagem que, com o seu trabalho e de seus agregados, mudou a forma como o sertão era tratado, anteriormente visto como local incomunicável, com índios bravios, de caminhos cársticos e “sem vida”, lugar de “vadios” de todas as espécies. O gado abriu novas fronteiras dentro do território, por sua movimentação e necessidade de alimento, não esquecendo, claro, da truculência em adquirir mais terras, custando a vida de centenas de indígenas, missões jesuítas e pequenos criadores, truculência essa vinda principalmente da Casa da Torre e seus sesmeiros.



## Regime de terras

O sistema de arrendamento, segundo Da-Silva (1997), começou com os migrantes se apropriando do terreno sem qualquer tipo de referência concreta da área ou da localização. Por se tratar de terras no sertão, não havia grandes disputas entre sesmeiros em um primeiro momento, visto que as terras cobiçadas eram as litorâneas. Ainda segundo o autor, o virtual monopólio se estabeleceria com informações vagas pelas quais eram registradas as propriedades. Segundo Linhares (1996), o instrumento de posse é a sesmaria, pertencente ao arrendatário, o qual economicamente fazia uso da terra, apossando, desbravando, explorando. No mecanismo de transferência da renda gerada, cabe ao pequeno agricultor de mandioca a menor possibilidade concreta de acumulação, graças ao critério de fixação de preço que favorece o consumidor e o comerciante de escravos. Quanto a cana de açúcar, a renda se transferia diretamente para o senhor do engenho e deste para o negreiro. Em relação ao trabalho com o gado, principalmente no Nordeste, existia um mecanismo próprio gerador de renda no trabalho do vaqueiro, com possibilidade de ascensão social para sesmeiro ou arrendatário.

A Casa da Torre foi a grande “financiadora” de expedições sertão adentro, desde o primeiro dos Ávila. Garcia d’Ávila (1528-1609) chegou à Bahia em 29 de março de 1549, com Tomé de Souza, e foi nomeado no dia primeiro de junho, “feitor e almoxarife da cidade de Salvador e da Alfândega”. Pelo esforço durante a construção da capital (Salvador) e pelos serviços posteriores supracitados, foi recompensado com terras, onde iniciou suas sesmarias, como nos conta Gonçalves Júnior (2011). Conforme Silva (2003), o império de Garcia d’Ávila, o primeiro, teve início com um curral em Itagagipe, na verdade uma torre, como era exigido pelo regimento de Tomé de Sousa, uma medida de segurança. Essas terras abrigaram as duas primeiras reses adquiridas em leilão em 1550. Escravos africanos e indígenas das aldeias próximas foram agregados para ajudar a criar, assim formou um rebanho de duzentas cabeças de gado, além de suínos, caprinos e equinos, que já não cabiam mais em suas terras. Construiu em 1551 o que foi chamado de “torre singela de São Pedro de Rates”, depois o Solar e sua Capela de Nossa Senhora da Conceição. A finalização do Castelo da Torre ocorreu em 1624 por seu neto e herdeiro Francisco Dias, conforme Holanda (1960). Segundo Gonçalves Júnior (2011), as criações recém-chegadas se multiplicaram ao ponto de, em 1552, Garcia d’Ávila, considerar suas terras estreitas, requerendo, assim, mais terras. O interesse em ocupar Sergipe durante a expansão da pecuária surgiu para facilitar o transporte dos rebanhos do vale baiano do rio São Francisco para o recôncavo. Os Ávila expandiam suas terras conforme financiavam novas “bandeiras” rumo ao sertão setentrional. Segundo Pessoa (2003), Garcia se privilegiava da proteção de Tomé de Souza, usando, então, apenas papel e tinta para adquirir novas sesmarias e formar o gigantesco latifúndio. Segundo Moniz Bandeira (2000), o grande latifúndio dos Ávila tinha uma área de mais de 300 000 km<sup>2</sup>, apesar de placas indicativas nas ruínas da Casa da Torre elevem essas medidas a 800 000 km<sup>2</sup>. Esse prestígio seguiu até o século XVII.

Segundo Gonçalves Júnior (2011), o movimento de expansão de terras de sesmarias “que fariam a Casa da Torre ilustre por mais de três séculos” (HOLANDA, 1960 *apud* GONÇALVES JÚNIOR, 2011 p.52) foi o grande impulsionador na pecuária da região sertaneja. Na busca por criar o gado solto nas caatingas e pela ganância fundiária, os solicitantes não se privavam de pedir novas terras adjacentes para suas sesmarias. Em parte, continua Gonçalves Júnior (2011), os indivíduos não-proprietários, cujo prestígio não o faziam conseguir as doações ou sesmarias, supriam, em um primeiro momento, a ausência de proprietários legais. Esses homens ficavam na condição de vaqueiros e, alguns séculos mais tarde, tornar-se-iam posseiros, rendeiros ou foreiros. Ainda assim,

alguns não tinham o mesmo reconhecimento dos que recebiam a “proteção” da Casa da Torre.

Segundo Silva (2003), as atividades estavam centralizadas nas mãos do vaqueiro que, após alguns anos de trabalho, recebia a quarta em reses nascidas e, sem salário, era uma espécie de sócio da fazenda. Cada fazenda podia ter dois ou três vaqueiros, cada um com dois ou quatro auxiliares, esses também eram recompensados pelo sistema da quarta. Para Silva (2003), o grande sucesso da pecuária se dava pela grande funcionalidade do gado, visto que a mercadoria era o próprio valor, se transportava, ou seja, era o próprio frete, e era aproveitada em sua totalidade. Conforme a pecuária tornava-se mais intensiva, a ascensão social do vaqueiro em fazendeiro se dificultava. Ainda assim, essa classe detinha grande prestígio social, não sendo apenas um encarregado, mas também a figura mais importante depois do patrão. Em locais onde o fazendeiro não vivia, era o vaqueiro que tomava as decisões, dada a distância e a dificuldade de transmissão de notícias à época. Porém, o gado, no século XVIII, teve seu custo aumentado por conta das diferentes distâncias dos grandes centros consumidores, somados aos tributos cobrados no deslocamento e participação em feiras: “Essas situações diminuíram o lucro com as boiadas, o que determinou a exportação marítima do boi, já abatido, transformado em carne seca, salgado e em couro” (GIRÃO, 1995 apud GONÇALVES JÚNIOR, 2011 p.57). Segundo Caio Prado Júnior (2017), durante meados do século XVIII, a pecuária de Minas Gerais, em condições naturais mais favoráveis, já retirava o abastecimento da zona mineradora.

Outrossim, as diversas secas diminuíram a incidência de criadouros no sertão, além da morte expressiva do gado, o êxodo da população para áreas litorâneas e a morte de pessoas. Segundo GONÇALVES JÚNIOR (2011), com efeitos profundos e duradouros nos anos que a sucediam, as secas ocasionavam o desaparecimento de rebanhos inteiros e de fortunas pessoais. Continua o autor, um grande golpe para a pecuária nordestina ocorreu na seca de 1790-1793, conhecida como a “seca grande”, responsável pela transferência do centro produtor de charque do Nordeste para o Rio Grande do Sul.

### **Arquitetura e Arqueologia da Arquitetura**

Para Carlos Lemos (1989), a arquitetura é uma intervenção no ambiente, por parte do ser humano, a fim de criar espaços para atender uma intenção plástica de necessidades imediatas programadas, denominadas por ele de partido arquitetônico. Este seria a junção de fatores determinantes como: técnica construtiva, condições físicas, topografia do sítio, programa de necessidades e clima. Porém, podemos definir, segundo Foucault (1987), como uma tecnologia de poder, onde mantemos os indivíduos disciplinados. Dentro da hierarquia social, a edificação é usada como instrumento para este efeito desde os tempos pretéritos. Nesse sentido, a arquitetura terá os olhos de quem a vê, tem sua função, e essa função carrega consigo intenções e valores ligados ao contexto social produzido e por esse motivo também é um elemento determinante de condutas. Zarankin (1999) vê a arquitetura como resultado das práticas cotidianas, produto dinâmico e gerador de significados, interagindo com o ser humano e influenciando seus ocupantes de forma não verbal além de reforçar seu caráter de controladora de poder. Tudo isso fez com que as estruturas arquitetônicas tenham se transformado, muito rapidamente, em elementos de interesse da pesquisa arqueológica.

Essa área de investigação, em verdade, remonta mesmo aos primórdios da prática arqueológica, com o Antiquarismo entre os séculos XV a XIX, quando as edificações do passado romano foram objeto das primeiras investigações e, posteriormente outros

períodos temporais da história ocidental, como os megálitos pré-históricos, e as estruturas góticas do medievo, além das civilizações minoica, egípcia e sumeriana (TRIGGER, 1989). Na América do Norte, esse campo de investigação esteve atrelado ao desenvolvimento da chamada Arqueologia Histórica, a partir da década de 1930, quando passou a integrar grandes projetos públicos de preservação patrimonial de sítios considerados importantes para a identidade nacional. Situação similar ocorreu no Brasil, com a inclusão da arqueologia em projetos patrimoniais de preservação e/ou restauração vinculados ao SPHAN/IPHAN (ANDRADE LIMA, 1992). Nomes referenciais nesse processo são os dos arqueólogos Ulysses Pernambucano (1975) e Marcos Albuquerque (1992) com seus textos seminais na cena nacional. Segundo Albuquerque (1992), o processo interdisciplinar, muito usado na arqueologia da arquitetura, não significa apenas a absorção dos conhecimentos oriundos de outras áreas, mas sua integração e um processo de alimentação mútua de conhecimento científico. Conforme Vilela (2015) a Arqueologia da Arquitetura (ou Arqueotectura) é um campo de estudo derivado da chamada “Arqueologia Global” que se caracteriza como uma proposta de ampliação da escala operacional arqueológica implementada em 1975 pelo arqueólogo italiano Tiziano Mannoni. Este foi o responsável por ampliar os limites da antiga concepção da Arqueologia como escavação e cotas negativas, defendendo que a investigação arqueológica deveria abranger a cultura material do passado como um todo, ou seja, além dos artefatos que estão enterrados. Ele pensa, continua a autora, que as construções arquitetônicas e o território merecem estudo equivalente ao das escavações. A Arqueotectura rompeu com os limites cronológicos e tipológicos das edificações ditas históricas, deixando de lado os princípios adotados até os anos 70, de que para ser histórico deveria ter como principais atributos a monumentalidade e a antiguidade. O amadurecimento da disciplina estendeu sua aplicabilidade para construções anteriormente invisíveis, como as edificações ecléticas e arquitetura rural, objeto deste trabalho.

Dentro dessa perspectiva, podemos ver a Arqueologia da Arquitetura como uma área do conhecimento onde produto e produtor interagem de forma dinâmica, reunindo estudos que apresentam posições teóricas diferentes, a primeira mais prática, como a arquitetura funcional, resultante das necessidades humanas, a segunda como caráter simbólico, ressaltando a presença de sistemas ideológicos, de fundamental importância ao conceber a edificação. Segundo Rezende (2008), as posições teóricas variam de acordo com o tipo de abordagem em que se analisa a arquitetura; enquanto uma corrente entende a estrutura como resultado lógico das necessidades humanas de abrigo, de conforto e de proteção, a outra forma de análise busca entender a arquitetura no seu caráter simbólico, ressaltando a presença de sistemas ideológicos que influem na forma de conceber o edifício. A produção arquitetônica, atualmente, continua a autora, deve ser analisada pelo conjunto das duas óticas, a “prática” e a “ideológica”, além de analisar os “princípios” de ordem na classificação, básicos para o funcionamento da sociedade.

Assim sendo, um dos principais objetivos deste campo de estudo ou subdisciplina é o de “através da construção material atingir as relações sociais” (ZARANKIN, 2001 apud DE MIRANDA CORRÊA, 2007 p.592). Segundo Surya e Carrera (2016 p. 150), o espaço não é simplesmente o elemento físico contido entre as coordenadas x, y e z, nem sobre o que é ou não edificado, nele se inclui toda a paisagem natural e antrópica. Acrescido a isso, toda a carga imaterial que o ser humano produz, como crenças, mitos e lendas, pode ser colocada dentro dessa unidade conceitual e dinâmica que é a sociedade: “nesse campo, não interessam apenas as grandes obras arquitetônicas, mas o entender além da estética de um edifício, o compreender como o objeto arquitetônico interage com a sociedade” (DE MIRANDA CORRÊA, 2007. p. 593). Nesse mesmo sentido, o arqueólogo Luís Cláudio Symanski (2009, p. 64):

*Através do estudo das estruturas arqueológicas históricas, das técnicas e materiais empregados na construção destas, em conjunto com outros elementos, associados ao contexto temporal e espacial, muitos resultados podem ser obtidos, tais como: a função da edificação, se ocorreram ou não reformas, o período em que foi construída (SYMANSKI, 2009, p. 64).*

A planta de uma casa, por exemplo, pode sugerir questões importantes sobre o comportamento de uma família. Os acessos - portas e corredores - indicam áreas mais ou menos valorizadas das casas. A localização dos cômodos pode ser indicadora do status de cada membro da família. Os materiais construtivos: tijolos, telhas, pedras têm conotação econômico-social. Revestimentos revelam modismos, o conteúdo estético de fachadas e jardins. Louças, vidros, objetos de ferro, ossos, enfim, tudo pode ser indicativo de padrões de comportamento. Esse pequeno universo familiar, sendo representativo de uma sociedade, permite reflexões mais amplas.

Segundo Funari e Zarankin (2005), as investigações partem de modelos gerados nas ciências sociais para examinar a estrutura material e a espacial dos edifícios. Sendo assim, esse procedimento permitiu uma quantificação e comparação entre as estruturas arquitetônicas (com variáveis de quantidade de habitações, conexões e isolamentos entre elas, circuitos de circulação, distância do exterior, entre outras). Zarankin (1999), em outro momento, diz que a habitação doméstica é um dos elementos-chave na socialização do indivíduo, pois ali assimila toda a carga cultural e seus respectivos papéis, sejam sexuais, socioeconômicos, comportamentais, de obediência, entre outros. De acordo com o autor, a casa é uma estrutura de poder complexa, onde, além de abrigar pessoas e seus pertences, funciona de maneira ativa e dinâmica entre seus ocupantes, influenciando e sendo influenciada por eles.

### **Modelo Gamma**

As análises das paredes e dos cômodos da casa começaram com Kent (1990), que criou um modelo para determinar porque uma sociedade compartimenta uma casa mais que a outra. Em seguida, foi criada a análise sintática do espaço, uma área de investigação que estuda a relação do espaço interno do edifício, incluindo os aspectos de acessibilidade, interrelação espacial e o significado subjacente após a organização desse espaço tanto dentro como entre as estruturas arquitetônicas. Na análise sintática de espaço temos uma subdivisão, chamada de análise de acesso, em que Faulkner (1964) confeccionou um modelo de distribuição interna analisando a comunicação entre os espaços, criando o primeiro modelo analítico. Posteriormente, Hillier e Hanson (1984) propuseram um novo modelo baseado no anterior de Faulkner chamada “análise (ou modelo) gamma”. Segundo Sánchez (1998), esse modelo adiciona valores a cada espaço segundo a “permeabilidade” de cada um deles em relação ao espaço de entrada.

Segundo Beck (2011), o modelo gamma se propõe analisar a estrutura interna, onde o espaço interior das edificações organiza a estrutura social e a interface entre os habitantes e os visitantes. O habitante é o detentor do acesso e do controle espacial, o visitante, porém, é o indivíduo que recebe acesso temporário a ela, mas não detém seu controle sobre aquele espaço. Nesse modelo, continua o autor, a representação em grafo justificado permite perceber algumas de suas propriedades, bem como calcular suas medidas sintáticas. Apresentada assim, as unidades espaciais correspondem a nós e as relações de permeabilidade ou de visibilidade. São as conexões entre os nós. Os grafos são passos sintáticos que representam a profundidade da estrutura: quanto mais a “árvore” se afasta da raiz, mais profunda e com mais opções de privacidade a estrutura tem.

Sendo assim, o objetivo do modelo gamma é analisar a forma arquitetônica como elemento primário definidor de relações espaciais através dos acessos. A visibilidade implica, portanto, penetrar em uma dimensão dinâmica que permita trabalhar com os aspectos relacionados com a estrutura e a ideologia da sociedade. Segundo Brandão (2018), ao realizar o modelo gamma, temos como produto o gráfico espacial, no qual os nós (círculos) representam os cômodos e as linhas que ligam cada nó, os acessos. Assim, podemos visualizar os cômodos com maior ou menor facilidade de acesso, hierarquia, intimidade e controle/vigilância.

## **Índices de Blanton**

Segundo Zarankin (2010), o modelo gamma permite decompor os edifícios em uma série de gráficos para entender a organização de seu espaço. Com base no modelo gamma, Richard Blanton (1994) construiu uma sequência de índices em que a análise poderia ser afinada e aprofundada. Estes índices são denominados de “escala” (que mede o tamanho da estrutura); de “integração” (que estabelece o tipo de comunicação e de circulação dentro da estrutura) e o de “complexidade” (que permite ver a distribuição e o isolamento espacial).

Segundo Blanton (1994), o índice de integração é obtido por meio da divisão entre a quantidade de nós e a quantidade de conexões. No entanto, este cálculo sempre deriva em resultados a partir de -1, sendo essa a quantidade mínima de conexões. Zarankin (2002) adaptou esse cálculo revertendo os dividendos, dessa forma, o número mínimo será 1, o que implica dizer que cada cômodo tem ao menos um acesso. Temos ainda as medidas de complexidade, que se referem a variação no uso dos espaços e graus em que as unidades são divididas. Quando não há informações acerca da funcionalidade dos espaços é possível o cálculo baseado no grau de acessibilidade e de hierarquia de cada cômodo de acordo com a parte externa da edificação. Sendo assim, chegamos à média de espaços necessários para atravessar o prédio até a saída.

A síntese entre as propostas de análise de Blanton (1994) e Hillier e Hanson (1984) torna possível fazer uma leitura comparativa quantitativa e qualitativa entre diferentes estruturas arquitetônicas.

## **Fazenda dos Patos – um partido sertanejo?**

A sede da Fazenda dos Patos, edificação objeto desse trabalho, mantém-se, em grande parte íntegra estruturalmente, o que de certa forma facilitou o acesso e os processos de registro durante o projeto. As primeiras atividades de campo foram realizadas em março de 2018 sob orientação do Prof. Dr. Leandro Domingues Duran com uma equipe formada pelos graduandos Aíres Barbosa Souza, Anna Karolline da Silva Durval, Dayane Félix Andrade, Gabriela Araújo dos Santos, Lucas Santos Oliveira, Luciana Alves Costa, Marcus Vinícius Pereira Santos da Silva e Marley Augusto Lima Santos. Nessa primeira abordagem do sítio foram realizadas ações de registro fotográfico com vistas gerais e detalhes de cômodos, bem como a medição dos diferentes espaços arruinados visando a produção de uma planta baixa. Em outubro de 2019, por conta das dúvidas e novas informações, foi necessária uma segunda etapa de campo, desta vez realizada pelo orientador, o autor, e os discentes Iury Barreto Costa e Cayo Murillo Casarim Cassiano, onde foram realizadas análises complementares, novos registros fotográficos e uma entrevista com um antigo morador. Com base nos dados obtidos foi possível levantar hipóteses quanto à evolução morfológica da edificação ao longo dos anos, compará-la



com estudos de outras casas de fazenda sertanejas e aplicar uma análise dos processos de circulação e controle ali em operação, que são apresentados a seguir.



Figura 3: Fazenda dos Patos em data desconhecida, mas com sua estrutura intacta.



Figura 4: Fazenda dos Patos em 2019, durante a segunda etapa de campo.

A edificação sede da Fazenda dos Patos foi construída a partir da técnica de taipa de mão, apresentando cobertura de telha cerâmica capa canal. A taipa de mão, tem, como relata Pisani (2004), uma estrutura de madeira com esteios horizontais entrelaçados a esteios verticais que são enterrados no solo, com uma base denominada nabo. O nabo era

normalmente o tronco antes do processamento para a formação do esteio (quadrado). Esse nabo era crestado a fogo para evitar animais xilófagos. No nível do solo os esteios fincados recebiam encaixes para a colocação de vigas baldrame mais altos que o solo a fim de evitar a penetração de água, dada a perecibilidade da madeira com a variação de umidade. Na parte superior, continua Pisani (2004), os esteios recebiam os frechais, apoiados ou encaixados, formando a popular “gaiola”, nome da estruturante da edificação. Entre os frechais e o baldrame eram encaixadas as madeiras de menor espessura e amarrados com cipó ou pregas de forma unilateral, bilateral ou alternada. Montada a trama da “gaiola” ocorre a aplicação do barro, dois trabalhadores taipeiros se colocam em lados opostos e prensam o barro contra a trama. Enquanto esse preenchimento é feito, o barro é alisado manualmente ou com madeira e sua aplicação pode ser interna, externa ou de ambos os lados. O tempo de secagem de uma parede de 15 a 20 cm de espessura é de aproximadamente um mês, quando pode receber revestimentos.



Figura 5: Detalhe de construção utilizando a técnica do pau-a-pique.





Figura 6: Elementos estruturais da técnica de pau-a-pique.

Havia, em algumas paredes, formas diferentes de amarração dos esteios, pois, originalmente, esses eram amarrados com cipós, como encontramos por quase a totalidade da estrutura; Porém, no cômodo posterior da casa 1 (figura 20), temos evidência de uma reforma que usou tipos diferentes de travessas e que foram pregadas, ao invés de amarradas com cipó. Essa nova técnica favorece a estrutura, pois adiciona resistência contra intempéries, que provavelmente foram o motivo para o desabamento das paredes. Em todas as faces das paredes encontramos evidências de reboco branco, seja ainda instalado, seja associado aos montículos de terra oriundos dos desmoronamentos. As portas e folhas das janelas foram retiradas, mas também podemos dizer que eram feitas de madeira, dada a foto da edificação original apresentada (figura 3). Além disso, localizavam-se nas paredes internas da edificação, diversos tornos e armadores de redes em 3 modelos distintos, cravos, armadores de rede em ferro e tornos de madeira, “algo comum nas casas sertanejas” (DINIZ, 2013 p.213).





Figura 7: Cravo usado para pendurar objetos.



Figura 8: Aparador com cicatriz do movimento da rede.



Figura 9: Torno de madeira para pendurar objetos.

Com relação à setorização da edificação, o telhado e a varanda contínuos aparentemente indicavam uma única moradia, mas a distribuição dos cômodos e as inscrições temporais encontradas em algumas dos batentes de portas revelou tratar-se de duas moradias conjugadas. Ao analisarmos a planta baixa, um padrão de acesso curioso, onde um cômodo central servia de ligação entre duas partes da casa bem distintas, associadas às três envasaduras de acesso existentes na parte frontal. Essa interpretação foi confirmada pela informação oral de um ex-morador (Antônio Morais da Silva) colhida durante a segunda etapa de campo. As plantas baixas das duas casas conjugadas, estão representadas na planta baixa a seguir:



Figura 10: planta baixa com as prováveis divisões cronológicas da edificação, temos as duas casas, seus anexos sem datas definidas e as portas onde encontrei datações.

Na edificação da Fazenda dos Patos encontramos essa situação, mas divididas em duas casas conjugadas. Ali temos três salas frontais distribuídas da seguinte maneira: duas pertencentes à casa 1, sendo uma central, onde existe fixada uma plaqueta de metal deteriorada, e uma lateral à direita, que apresenta a referida inscrição “1903”(figura 10); e uma pertencente à casa 2, localizada à esquerda, com a também já referida inscrição “1907” (figura 10);. Assim, a casa 1 segue o padrão indicado por Diniz, com duas salas frontais anexas, e a casa 2 segue o modelo tradicional de sala frontal única. Da mesma forma, a porta de controle da intimidade da família sertaneja está presente na entrada do corredor que leva aos cômodos interiores da residência 1, e que também apresenta na verga superior do batente, a menção à data 1903, desta vez, pintada. Assim, consideramos provável que a sala lateral da casa 1 também servisse como quarto de hóspedes, recluso em relação ao interior da casa, elemento muito comum em vários partidos de residências rurais no Brasil (Veja SAIA, 2005; LEMOS, 2015; SILVA FILHO, 2007). No momento de construção da casa 1, não pudemos identificar a presença de uma “sala de janta”, já que o cômodo dos fundos não se encontra isolado em relação à área íntima permitindo o acesso direto às portas das alcovas. Entendemos que nesse momento inicial da estrutura arquitetônica, tal espaço não se fazia ainda necessário pela inexistência de um agregado que justificasse a inclusão de tal elemento especializado. Entretanto, segundo informações orais do antigo morador, o cômodo que acreditamos ter sido a cozinha parece ter se transformado em “sala de janta”, quando da construção do anexo traseiro que passou a abrigar a cozinha.





Figura 11: Verga de porta com a data “1903” talhada na madeira.



Figura 12: Verga de porta com a data “1907” talhada na madeira.





Figura 13: Verga de porta com a data “14-2-1912” talhada na madeira.



Figura 14: Verga de porta com a provável data de “18-2-1903” talhada na madeira.

Para Diniz (2013), existem dois padrões de distribuição dentro de uma estrutura desse tipo: 1) a distribuição se dava pelos próprios cômodos, o que revela uma falta de privacidade no uso do espaço; 2) existência de um corredor que distribui a circulação entre os ambientes, uma solução diferente; nesse caso o corredor é o elemento de interligação da casa, onde esse espaço de transição dá acesso aos quartos, sala de jantar e de visita. O acesso frontal contava com uma porta de duas bandas que fornece segurança a intimidade familiar. Ainda segundo a autora, o corredor, quando existe, localiza-se no centro ou numa lateral da casa. No caso da edificação em apreço, em ambas as casas que formam a estrutura habitacional composta temos a presença do padrão distributivo via corredor, com as duas tipologias de corredor, sendo a casa 1 (1903) servida por um

corredor central, dotado de uma porta (provavelmente como a descrita por Diniz (2013) e a casa 2 (1907), por um corredor lateral. Esse corredor lateral da casa 2, atua como corredor central quando levamos em consideração as duas casas conjugadas.



Figura 15: Corredor da casa 1 (1903).



Figura 16: Corredor da casa 2 (1907).

Com relação à distribuição dos diferentes cômodos, Diniz (2008) conta que, em média, nas casas sertanejas são encontradas duas ou três salas, sendo a primeira comumente chamada de sala da frente e seguia por toda a extensão do alpendre; quando isso não ocorria, tem-se uma segunda sala, que fica ao lado ou anexa à sala da frente. Ainda segundo a autora, caso exista uma terceira sala, essa se encontra contínua à primeira ou à segunda, podendo estar localizada, também, nos fundos, ao final do corredor interno, e é chamada de sala de trás ou sala de jantar. Sobre a sala de jantar, a autora nos informa que ela era de uso exclusivo masculino, não sendo permitido acesso às mulheres e crianças e que, para se alimentar, elas usavam a cozinha. Normalmente feita de taipa, até mesmo nas casas em alvenaria, a sala de jantar dispunha de janelas ou portas laterais, sendo ambientes normalmente arejados e bem iluminados. Além disso, o corredor, elemento de ligação entre a área social frontal e a área íntima alocada no centro, em geral apresenta uma ou duas portas de controle, respeitando a intimidade familiar dos quartos/alcovas.





Figura 17: Sala de jantar.

Os quartos da família sugerem uma segregação, onde quanto mais interno, mais íntimo era. Diniz (2008) diz que o casal e mulheres solteiras dormiam normalmente nas alcovas, cômodos que não tem aberturas para o exterior. Não foram encontradas janelas nos quartos da edificação, o que aumenta bastante a privacidade dos quartos da fazenda e permite sua classificação como alcovas.

O Alpendre, em termos genéricos, é um prolongamento da cobertura da casa e é sustentado pela parede da fachada principal e por pilares de madeira. Esse ambiente era normalmente o mais aprazível da casa, já que normalmente é sempre voltado para o lado da sombra vespertina. Por ser um elemento sombreador de paredes, desempenha função importante no conforto térmico da casa, além de funcionar como abrigo para hóspedes (Diniz, 2008 p. 230). Conforme Feijó (2002), esse era o ambiente social da residência, local em que eram recebidas pessoas que não tinham grande intimidade com a família, a porta de acesso da sala de visita para o interior da casa recebia em geral uma esquadria em duas bandas, uma inferior e outra superior, que poderia permanecer com a banda inferior fechada e a superior aberta, como uma forma de barreira, mas ainda aberta para passagem de ar. A rede era outro elemento também utilizado na sala de visita, não somente para dormir, mas como mobiliário para sentar-se, no decorrer de uma conversa informal e descontraída. Na fazenda Patos, como dito anteriormente, temos a presença de alpendre corrido interligando as duas moradias. Existe uma casa de maior área, onde está a sala de maiores dimensões e dois quartos comunicantes e, em um deles, foram encontrados vários armadores de rede, o que poderia demonstrar que esse local sobreporia a função de receber, estar e repousar.

A bibliografia também faz menção ao chamado “quarto do vaqueiro” que servia como local de depósito visando o armazenamento de apetrechos de trabalho relacionados com a lida do gado, mas que podia servir, também, como armazém de gêneros alimentícios e mesmo área de descanso para empregados ou viajantes. Na fazenda Patos esse cômodo faz divisa com a casa 2, limitando o formato em “L” do alpendre; comprido e de formato

retangular, esse cômodo não se comunica com os demais espaços da edificação, sendo acessado apenas por porta independente voltada diretamente para a área alpendrada.

Por fim, para Feijó (2002), a despensa era o local para armazenamento dos alimentos de variadas espécies, que eram colocados normalmente em caixotes de madeira, enquanto a carne de sol e queijo eram pendurados. Na edificação em análise, em verdade encontramos duas despensas, cada uma instalada nos fundos de sua respectiva casa, o que corrobora de forma clara a ocorrência de uma dupla habitação conjugada.

### **Análise gamma**

Para a análise dos ambientes, conexões, disposição dos vãos e disposição do telhado foram feitas três pranchas, onde a análise poderia ser amplamente aproveitada.

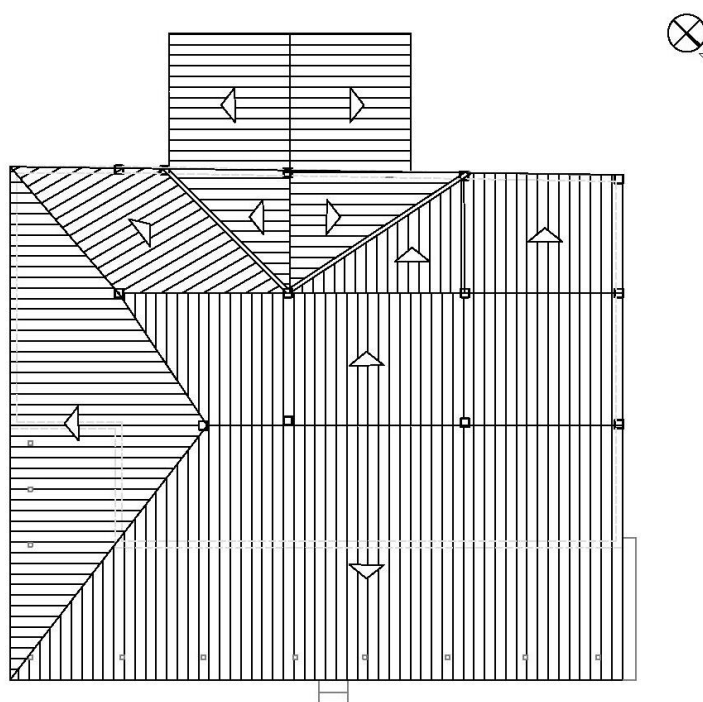


Figura 18: Planta de cobertura. Escala 1/75.

A conformação do telhado não se encaixa nos modelos padrões das casas sertanejas, onde encontramos telhados com duas, três ou quatro águas. Na Fazenda dos Patos, o telhado encontra-se totalmente ajustado às condições ali propostas; Sua conformação é bem parecida com a de um telhado com três águas, porém, a água que vai da cumeeira para os fundos da edificação foi totalmente adaptada, acrescida de novas águas em sentidos diversos, reforçando a ideia de sucessivas reformas e garantindo uma feição peculiar à edificação.





Figura 19: Planta da casa dividida em áreas de acordo com suas funções.

Nessa planta podemos ver como funcionava a casa enquanto organismo. As áreas sociais (em vermelho), em ambas as residências têm a forma parecida, apesar da diferença de tamanho entre elas, indo da sala de entrada e usando o corredor como distribuidor indo em direção à sala de refeição e fundos da residência.

A área íntima (em verde), em ambas as casas, conta com uma alcova localizada na lateral esquerda (vista geral), e na casa 1, temos dois quartos localizados na lateral direita, sendo uma alcova e um quarto comunicante ao alpendre (provavelmente, em momento anterior, esse quarto comunicante seria uma sala, visto que a data mais antiga da residência está na verga da porta deste).

As áreas de serviço (em amarelo) se localizam, como é comum nas casas sertanejas (DINIZ, 2013), na parte posterior da edificação. Estes se conectando diretamente com as áreas úteis para a dinâmica de trabalho, com o quarto do vaqueiro já próximo ao alpendre e a cozinha e despensa nas proximidades da sala de janta.

Partindo de uma planta geral, optei por fazer uma análise de forma dupla, uma iniciando com a planta total, que une ambas as casas e uma planta específica de cada casa, separadamente, onde podemos analisar os padrões de acessibilidade, integração e complexidade de forma a compreender a casa sob as duas óticas. Essa escolha veio pelo fato de que as duas casas, apesar de separadas faziam parte de um mesmo contexto social, ou seja, haveria alguma forma de livre acesso entre ambas as residências em algum

período.<sup>4</sup> Os cômodos foram numerados de forma contínua nas duas casas, indo de acordo com sua permeabilidade dentro da edificação como podemos ver a seguir:

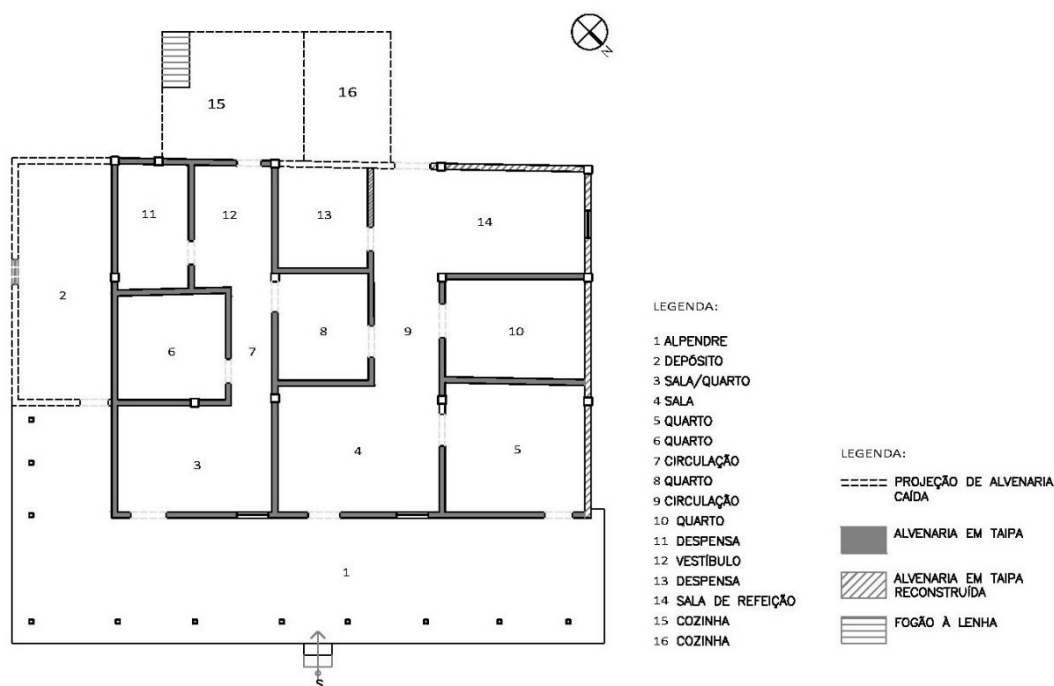


Figura 20: Numeração dada aos cômodos para análise gamma e suas particularidades.

A partir dessa numeração, foi realizado o gráfico de análise gamma da casa como um todo, este usando todos os cômodos da casa.

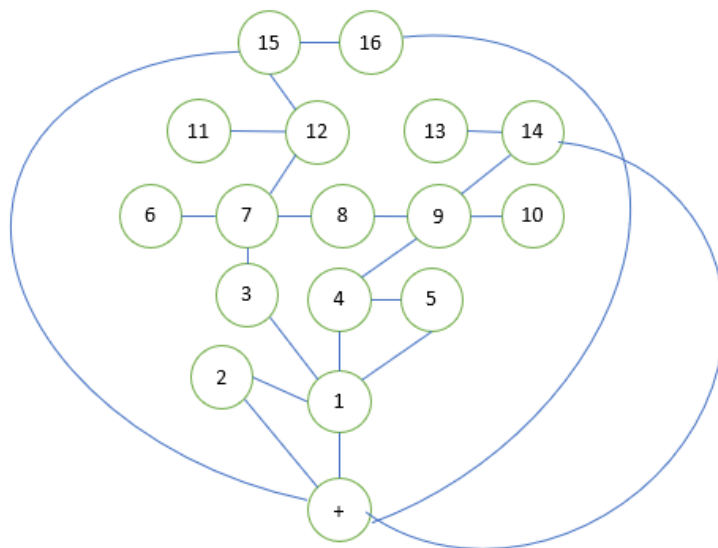


Figura 21: Gráfico do modelo gamma da casa como um todo.

<sup>4</sup> Durante entrevista realizada com um antigo morador da fazenda, este disse que isso acontecia com certa frequência durante o seu período de morada na residência.

Agora, vemos a representação gráfica da casa 1, usamos a numeração da casa como um todo, e nela percebemos que o corredor (cômodo 9) cumpre a função de principal distribuidor dentro da estrutura.

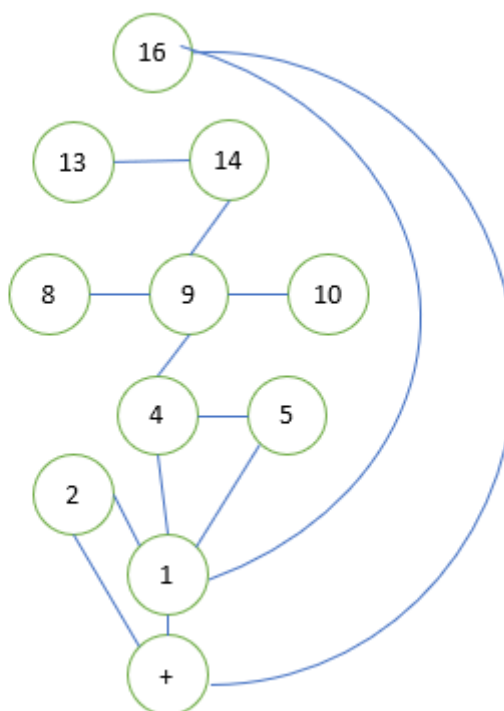


Figura 22: Gráfico do modelo gamma da casa 1 datada em 1903.

Seguindo, temos o gráfico da casa 2, onde temos, novamente o corredor (cômodo 7) como distribuidor, e um acesso direto à cozinha, algo que provavelmente não ocorria na casa 1, sendo necessário passar pelo exterior antes.

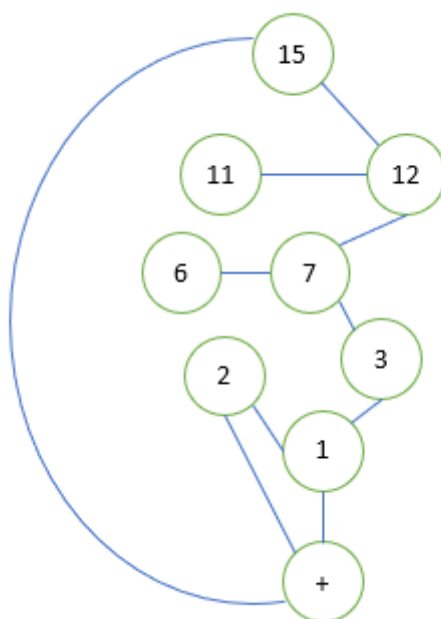


Figura 23: Gráfico do modelo gamma da casa 2 datada em 1907.

Seguindo, foram usados os índices de escala, integração e complexidade para a formação de uma base de dados que “simplifica ao mesmo tempo que maximiza, a informação obtida pelo modelo gamma” (ZARANKIN, 2001, pág. 128), como podemos ver a seguir:

#### ANÁLISE DA CASA DE FORMA GERAL:

| Índice de escala | Índice de integração   | Índice de complexidade                               |
|------------------|--|--|
| 16 nós           | 20/16 (1,25)<br>(quantidade de conexões/<br>quantidade de nós) | Complexidade A: 39<br>Complexidade B: $33/16 = 2,06$ |

| Tabela de dados sobre conexões e acessibilidade |                        |                           |              |
|---|------------------------|---------------------------|--------------|
| Número dos espaços                              | Quantidade de conexões | Distância para o exterior |              |
| 1   | 5                      | 1                         |              |
| 2   | 2                      | 2                         |              |
| 3   | 2                      | 2                         |              |
| 4   | 3                      | 2                         |              |
| 5   | 2                      | 2                         |              |
| 6   | 1                      | 4                         |              |
| 7   | 4                      | 3                         |              |
| 8   | 2                      | 3                         |              |
| 9   | 4                      | 2                         |              |
| 10  | 1                      | 2                         |              |
| 11  | 1                      | 3                         |              |
| 12  | 3                      | 2                         |              |
| 13  | 1                      | 2                         |              |
| 14  | 3                      | 1                         |              |
| 15  | 3                      | 1                         |              |
| 16  | 2                      | 1                         |              |
| <b>16 espaços</b>                               | <b>39 conexões</b>     | <b>33 espaços</b>         | <b>TOTAL</b> |

| Tabela de análise de conexões |                   |                        |
|-------------------------------|-------------------|------------------------|
| Número de conexões            | Quantidade de nós | Quantidade de nós em % |
| 1                             | 4                 | 25%                    |
| 2                             | 5                 | 31%                    |
| 3                             | 4                 | 25%                    |
| 4                             | 2                 | 13%                    |
| 5                             | 1                 | 6%                     |
| <b>TOTAL</b>                  | <b>16 nós</b>     | <b>100%</b>            |

| Tabela de análise de acessibilidade |                        |               |
|-------------------------------------|------------------------|---------------|
| Espaços para sair                   | Quantidade de conexões | Conexões em % |

|              |                    |             |
|--------------|--------------------|-------------|
| 1            | 4                  | 25%         |
| 2            | 8                  | 50%         |
| 3            | 3                  | 19%         |
| 4            | 1                  | 6%          |
| <b>TOTAL</b> | <b>16 conexões</b> | <b>100%</b> |

Partindo da casa como um todo, percebemos que se trata de uma fazenda de tamanho considerável, com 16 cômodos, estes se conectavam por meio de 39 conexões, assim temos um sistema não-distributivo. Essa informação é comprovada no índice de complexidade B, onde são necessários 1,12 cômodos para se chegar ao exterior.

#### ANÁLISE DA CASA 1:

| Índice de escala | Índice de integração  | Índice de complexidade                              |
|------------------|---|---|
| 10 nós           | 14/10 (1,4)<br>(quantidade de conexões/<br>quantidade de nós) | Complexidade A: 23<br>Complexidade B: $18/10 = 1,8$ |

| Tabela de dados sobre conexões e acessibilidade |                        |                           |              |
|---|------------------------|---------------------------|--------------|
| Número dos espaços                              | Quantidade de conexões | Distância para o exterior |              |
| 1   | 4                      | 1                         |              |
| 2   | 2                      | 1                         |              |
| 4   | 3                      | 2                         |              |
| 5   | 2                      | 2                         |              |
| 8   | 1                      | 3                         |              |
| 9   | 4                      | 2                         |              |
| 10  | 1                      | 3                         |              |
| 13  | 1                      | 2                         |              |
| 14  | 4                      | 1                         |              |
| 16  | 1                      | 1                         |              |
| <b>10 espaços</b>                               | <b>23 conexões</b>     | <b>18 espaços</b>         | <b>TOTAL</b> |

| Tabela de análise de conexões |                   |                        |
|-------------------------------|-------------------|------------------------|
| Número de conexões            | Quantidade de nós | Quantidade de nós em % |
| 1                             | 4                 | 40%                    |
| 2                             | 2                 | 20%                    |
| 3                             | 1                 | 10%                    |
| 4                             | 3                 | 30%                    |
| <b>TOTAL</b>                  | <b>10 nós</b>     | <b>100%</b>            |

| Tabela de análise de acessibilidade |                        |               |
|-------------------------------------|------------------------|---------------|
| Espaços para sair                   | Quantidade de conexões | Conexões em % |

|              |                    |             |
|--------------|--------------------|-------------|
| 1            | 4                  | 40%         |
| 2            | 4                  | 40%         |
| 3            | 2                  | 20%         |
| <b>TOTAL</b> | <b>10 conexões</b> | <b>100%</b> |

Agora, tendo em consideração apenas a casa 1, de 1903, continuamos tendo um sistema não-distributivo, com apenas 1,8 espaços necessários para sair, com esse número, percebemos uma estrutura mais íntima. Se levarmos em conta apenas as entradas principais, ou seja, sob a ótica de um visitante, teríamos um acesso ainda mais dificultoso para acessar os graus mais internos da casa.

## ANÁLISE DA CASA 2:

| Índice de escala | Índice de integração  | Índice de complexidade                              |
|------------------|---|---|
| 8 nós            | 10/8 (1,25)<br>(quantidade de conexões/<br>quantidade de nós) | Complexidade A: 17<br>Complexidade B: $17/8 = 2,12$ |

| Tabela de dados sobre conexões e acessibilidade |                        |                           |              |
|---|------------------------|---------------------------|--------------|
| Número dos espaços                              | Quantidade de conexões | Distância para o exterior |              |
| 1   | 3                      | 1                         |              |
| 2   | 2                      | 1                         |              |
| 3   | 2                      | 2                         |              |
| 6   | 1                      | 4                         |              |
| 7   | 3                      | 3                         |              |
| 11  | 1                      | 3                         |              |
| 12  | 3                      | 2                         |              |
| 15  | 2                      | 1                         |              |
| <b>8 espaços</b>                                | <b>17 conexões</b>     | <b>17 espaços</b>         | <b>TOTAL</b> |

| Tabela de análise de conexões |                   |                        |
|-------------------------------|-------------------|------------------------|
| Número de conexões            | Quantidade de nós | Quantidade de nós em % |
| 1                             | 2                 | 25%                    |
| 2                             | 3                 | 37,5%                  |
| 3                             | 3                 | 37,5%                  |
| <b>TOTAL</b>                  | <b>8 nós</b>      | <b>100%</b>            |

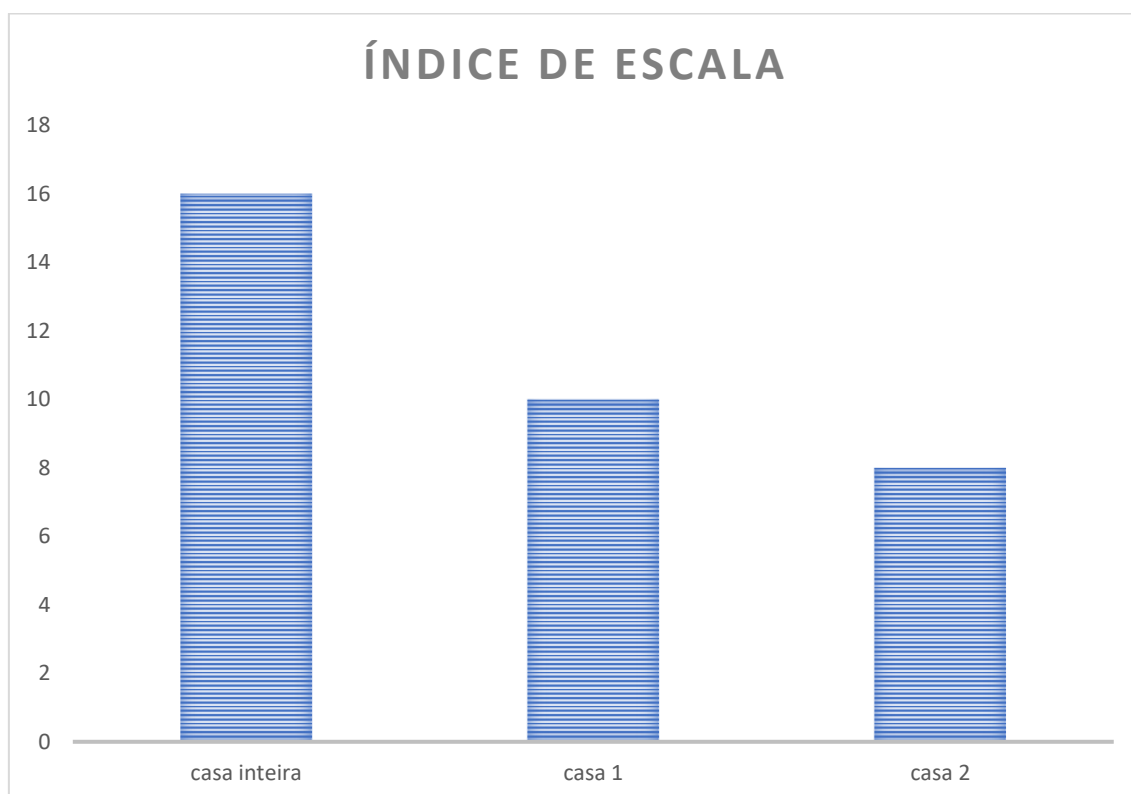
| Tabela de análise de acessibilidade |                        |               |
|-------------------------------------|------------------------|---------------|
| Espaços para sair                   | Quantidade de conexões | Conexões em % |
| 1                                   | 3                      | 25%           |
| 2                                   | 2                      | 37,5%         |
| 3                                   | 2                      | 37,5%         |

|              |                   |             |
|--------------|-------------------|-------------|
| <b>TOTAL</b> | <b>7 conexões</b> | <b>100%</b> |
|--------------|-------------------|-------------|

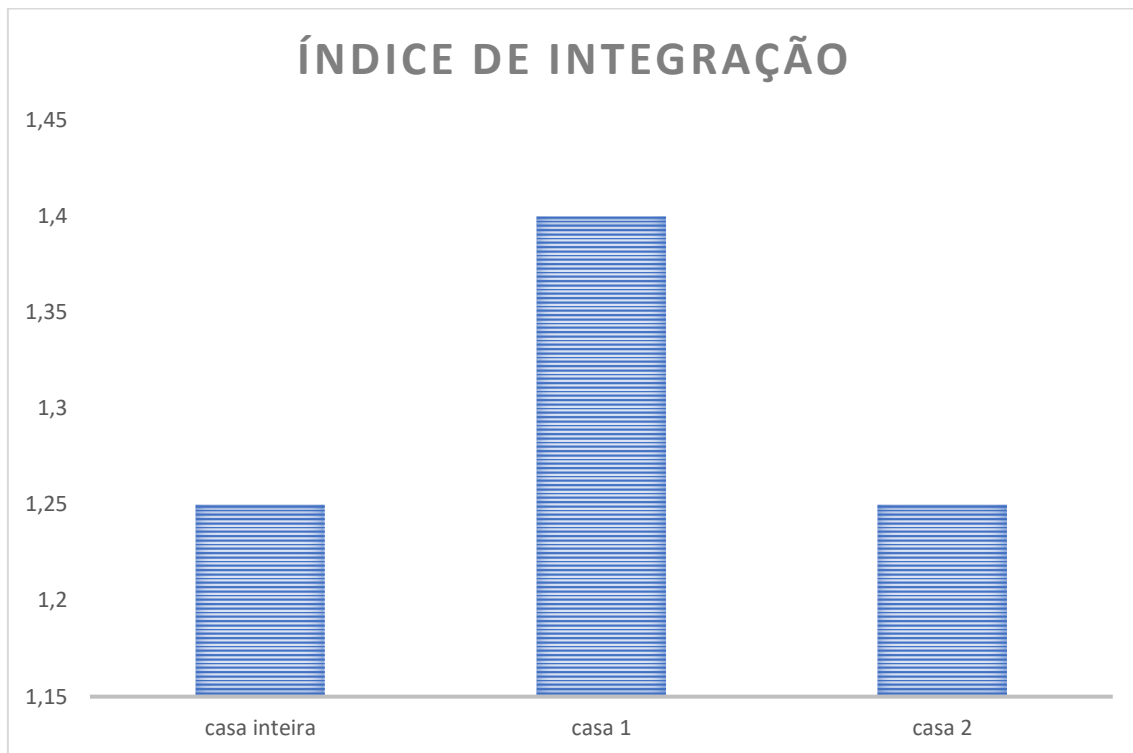
A casa 2, apesar de menor em área, ela é sensivelmente privativa de acesso em comparação com a 1, sendo necessário ultrapassar 2,12 espaços para chegar até a saída.

Com três portas de acesso frontal (duas na casa 1 e uma na casa 2) e duas de acesso traseiro (uma em cada casa), temos muita facilidade em acessar e sair da residência. Os corredores (cômodos 7 e 9) e o alpendre agem como estruturas distributivas de grande permeabilidade e distribuição pelo prédio e suas divisões.

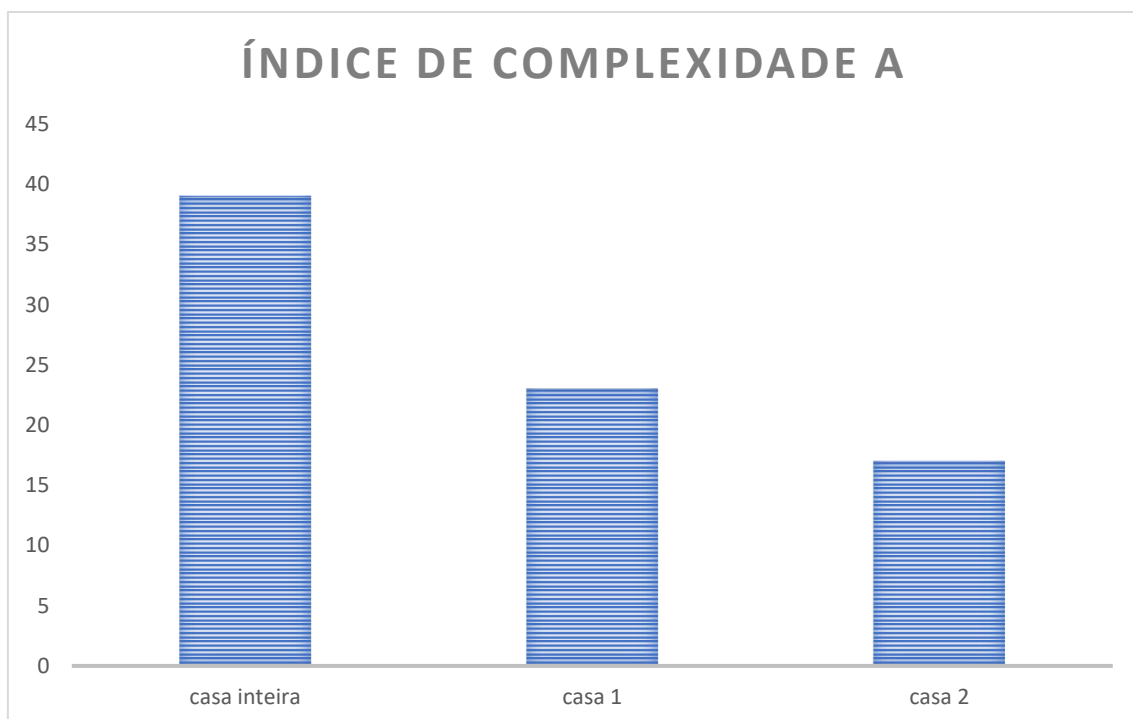
É interessante notar que, apesar de serem duas casas independentes, elas formam uma grande residência sem perder as suas principais características. Vemos também que, apesar de não reconhecemos 100% da forma original, o que encontramos, demonstra como essa logística foi bem pensada.



Ao compararmos os índices de escala percebemos a diferença entre os tamanhos das residências, em determinado momento, a casa 1 e 2 tiveram o mesmo número de espaços, de nove cada.

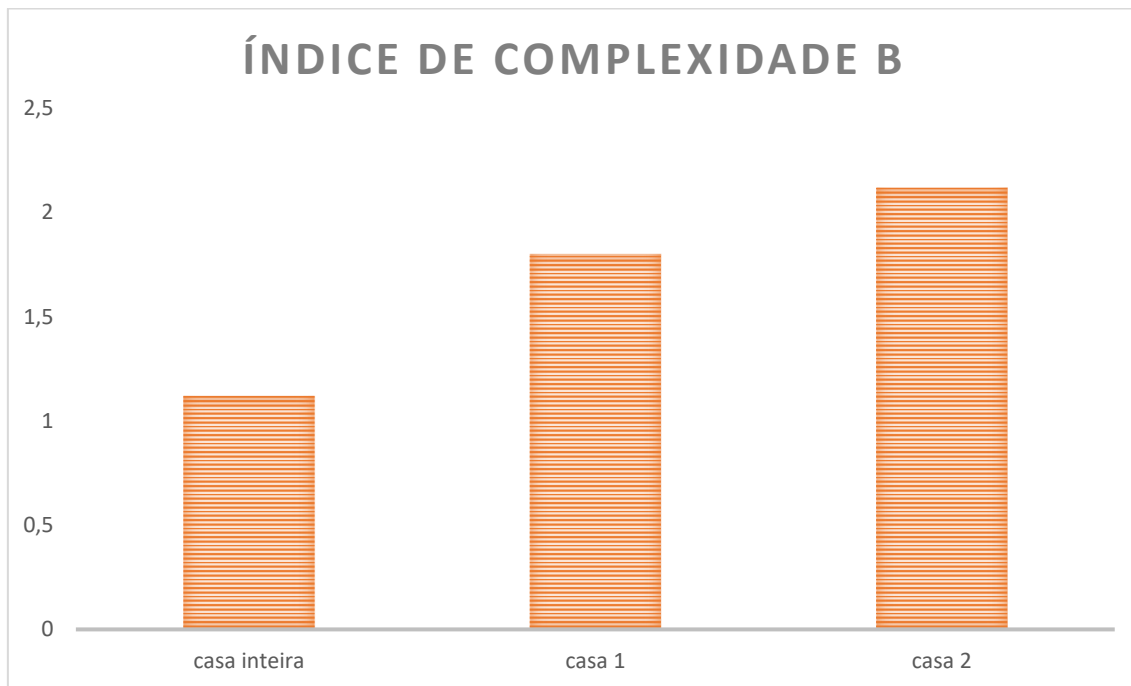


Existe uma semelhança entre a casa inteira e a casa 2, dando um salto na casa 1, as conexões da casa 1 tornam essa casa como de fácil trânsito, dado que quase todos os cômodos tem espaços para se conectar.



Nesse índice, vemos que a quantidade de conexões sobe de forma crescente, da menor para a maior edificação.





No índice B, percebemos a inversão do gráfico anterior, onde torna-se muito fácil acessar o exterior via casa 2, dado o tamanho diminuto e suas conexões bem distribuídas pelo seu corredor.

## CONCLUSÕES

Levando em conta a dificuldade de fontes e a raridade de estudos dentro da Arqueologia da Arquitetura sertaneja e o fato da casa se tornar famosa por causa de uma tragédia, algo que torna bastante delicado o acesso aos antigos moradores ou a relatos próximos, posso dizer que o trabalho foi satisfatório. A tragédia ali ocorrida não impediu novas ocupações na casa, e estas, deixaram modificações nesta. Obviamente ainda existem novas pesquisas a serem realizadas no futuro que, somados aos objetivos desse trabalho, podem aumentar o escopo de conhecimento sobre o local.

A casa claramente necessita de uma reforma ou uma nova adaptação pois, infelizmente, não durará mais 116 anos. Arrisco dizer que não dure nem os próximos 15. Além disso, acredito que um trabalho em que seja analisada a cota negativa do sítio abordaria novas perspectivas que, assim como eu propus nesse projeto, desconectem da tragédia e deem importância a esse recorte da arquitetura são-franciscana que durou tantos anos, como mostramos aqui.

Essa fazenda tem, conforme foi demonstrado no artigo, situações muito curiosas e que foram bem satisfatórias de adaptar ou trabalhar, para descobrir, por exemplo, o fato de uma residência dupla estar geminada a uma maior, algo que não é comum na historiografia desse tipo de habitação e quando ocorre, está inserida em relações diretas de poderio (Fazendeiro e seu vaqueiro, por exemplo), algo que acredito que não ocorreu ali. Dados os índices de análise, podemos perceber a complexidade dentro de uma residência, mesmo feita com saberes vernaculares, a arquitetura ali aplicada nos coloca frente a algumas situações curiosas, temos uma grande edificação, com duas conexões dentro de si, uma pelo cômodo central, aberta em 1912 e uma via cozinha, sem data definida. Ao mesmo tempo, estamos lidando com duas casas, de temporalidades diferentes que, apesar de próximas, são independentes entre si, com suas próprias

logísticas de acesso e sua própria concentração de poder. Essas situações me levaram a crer que temos ali um partido arquitetônico sertanejo, particular e peculiar.

O processo de arruinamento já está bem avançado, infelizmente não existe interesse do poder público ou privado em preservar o patrimônio edificado, e quando tem, se dá por formas que talvez não seja adequada, dada a fragilidade física e espiritual da edificação.

Vai acabar virando peregrinação de um espaço mortis ou um local de visita do que foi uma fazenda sertaneja? Espero ter dado uma contribuição para que a segunda opção vença.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Marcos. Arqueologia Histórica, Arquitetura e Restauração. **Clio-Série Arqueológica**, n. 08, p. 131-151, 1992.

ARRAES, Esdras. Rio dos currais: paisagem material e rede urbana do rio São Francisco nas capitanias da Bahia e Pernambuco. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 21, n. 2, p. 47-77, 2013.

DANTAS, Monica Duarte. O feudo: A casa da torre de Garcia d'Avila: Da conquista dos sertões a independência do Brasil. **Hispanic American Historical Review**, v. 82, n. 4, p. 799-801, 2002.

BARROSO, Gustavo. **Terra de sol: natureza e costumes do Norte**. Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

BECK, Mateus Paulo. Arquitetura, visão e movimento: o discurso de Paulo Mendes da Rocha na pinacoteca do estado de São Paulo. 2011.

BLANTON, Richard E. **Houses and households: A comparative study**. Springer Science & Business Media, 1994.

BRAGA, Márcia et al. Conservação e restauro: arquitetura. **Rio**, 2003.

BRANDÃO, Juliana. Marieta e Josefa no prédio da loucura. **Revista de Arqueologia**, v. 31, n. 2, p. 239-255, 2018

CÉSAR, Pedro de Alcântara Bittencourt; STIGLIANO, Beatriz Veroneze. A viabilidade superestrutural do patrimônio: estudo do museu da língua portuguesa. **CULTUR: Revista de Cultura e Turismo**, v. 4, n. 1, p. 76-88, 2010.

COSTA, Írio Barbosa da; MESQUITA, Helena Maria. Tipos de habitação rural no Brasil. **Rio de Janeiro: IBGE**, 1978.

CHIAROTTI, Tiziano Mamede. O Patrimônio Histórico Edificado como um Artefato Arqueológico: uma fonte alternativa de informações. **Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, v. 3, n. 2, p. 301-319, 2007.

DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Pecuária e formação do mercado interno no Brasil-colônia. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 1997.

- DE ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa. **Gente de Lampião: Dadá e Corisco**. Traço Editora, 2003.
- DE ARAGÃO, Solange. Fontes documentais para o estudo da casa brasileira do século XIX. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)**, n. 12, p. 85-93, 2010.
- DE MIRANDA CORRÊA, Marcus Vinicius. Da Capela Carmelita à Catedral Metropolitana de Manaus (AM): uma arqueologia da arquitetura. **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v. 17, n. 3, p. 591-607, 2007.
- DINIZ, Nathália Maria Montenegro. **Velhas fazendas da Ribeira do Seridó**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- DINIZ, Nathália Maria Montenegro; BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. Um sertão entre tantos outros: fazendas de gado nas Ribeiras do Norte. 2013.
- FEIJÓ, Paulo Heider. A arquitetura tradicional de acari no século XIX: estudo comparativo entre a casa-grande de fazenda e a casa urbana. 2002.
- FUNARI, Pedra Paulo; ZARANKIN, Andrés. Cultura material escolar: o papel da arquitetura. **Pro-posições**, v. 16, n. 1, p. 135-144, 2005.
- GONÇALVES JÚNIOR, Oswaldo. Entre bois e cabras: uma visão histórica sobre mentalidades e valores nos sertões. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, v. 24, n. 47, p. 49-68, 2011.
- HILLIER, Bill; HANSON, Julienne. **The social logic of space**. Cambridge university press, 1989.
- LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. História da casa brasileira. 1989.
- \_\_\_\_\_. Casa Paulista: história das moradias anteriores ao Ecletismo trazido pelo café. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- LIMA, Tania Andrade. Arqueologia Histórica no Brasil: balanço bibliográfico (1960-1991). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 1, n. 1, p. 225-262, 1993.
- LINHARES, Maria Yedda Leite. Pecuária, alimentos e sistemas agrários no Brasil (séculos XVII e XVIII). **Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian, Le Portugal et l'Europe Atlantique, le Brésil et l'Amérique Latine. Mélanges offerts à Frédéric Mauro**, v. 34, p. 5-16, 1996.
- MARQUES, Marta Inez Medeiros. Campesinato sertanejo e sua relação com a terra ao longo do tempo em Ribeira-PB. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**, p. 20-26, 2005.
- MOREIRA, Juliana Maria Brandão. Arquitetura que enlouquece: Poder e Arqueologia. 2015.

- PESSOA, Ângelo Emílio da Silva. As ruínas da tradição: a Casa da Torre de Garcia D'Ávila-família e propriedade no Nordeste colonial. **São Paulo: Tese de doutorado em História: FFLCH/USP**, 2003.
- PISANI, Maria Augusta Justi. Taipas: a arquitetura de terra. **Revista Sinergia**, v. 5, n. 1, p. 09-15, 2004.
- PRADO JR, Caio. **História econômica do Brasil**. Brasiliense, 2017.
- REZENDE, Regina Helena. **Formas arquitetônicas clássicas em edifícios religiosos do Período Bizantino**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- RODRIGUES, Angela Rösch; DE CAMARGO, Mônica Junqueira. O uso na preservação arquitetônica do patrimônio industrial da cidade de São Paulo. **Revista CPC**, n. 10, p. 140-165, 2010.
- SAIA, Luís. Morada paulista. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Debates, nº65).
- SÁNCHEZ, Julia. La Arqueología de la Arquitectura. Aplicación de nuevos modelos de análisis a estructuras de la Alta Andalucía en época ibérica. **Trabajos de Prehistoria**, v. 55, n. 2, p. 89-109, 1998.
- SANTOS, Nadja Ferreira. **Interface entre arquitetura e arqueologia na preservação do patrimônio cultural urbano. 2009. 156f.** 2009. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) —Instituto Federal de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- SANTOS, Raquel. Arqueologia da Arquitectura: conceito e metodologia. **PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção**, v. 4, n. 1, p. 5-14, 2013.
- SCHUNCK, Dulcinéia e BRITO, Marcelo. **Roteiro para Execução de Levantamento Arquitetônico. Olinda: Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda**, 1987.
- SILVA, Jacionira Coêlho. Arqueologia no médio São Francisco. **Indígenas, vaqueiros e missionários (tese de doutorado)**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2003.
- SILVA FILHO, Olavo Pereira da. **Carnaúba, pedra e barro na Capitania de São José do Piauí**. Belo Horizonte: Ed. Do Autor, 2007.
- SIMONSEN, Roberto Cochrane. História econômica do Brasil: 1500-1820. **Brasiliense**, 1937.
- SURYA, Leandro; CARRÉRA, Mércia. A representação do espaço em Arqueologia e Arquitetura. **ARCHITECTON-Revista de Arquitetura e Urbanismo**, v. 4, n. 6, 2016.
- TEIXEIRA, Jodenir Calixto; HESPANHOL, Antonio Nivaldo. A trajetória da pecuária bovina brasileira. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 36, p. 26-38, 2014.
- TIRELLO, Regina A. A arqueologia da arquitetura: um modo de entender e conservar edifícios históricos. **Revista CPC**, n. 3, p. 145-165, 2007.

TRIGGER, Bruce G. **A history of archaeological thought**. Cambridge University Press, 1989.

VIEIRA, Antonio Roberto Alves. **Família escrava e pecuária: revisão historiográfica e perspectivas de pesquisas**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VILLELA, Ana Teresa Cirigliano et al. **Arqueologia da Arquitetura (AA): a estratificação tridimensional do tempo**. 2015.

ZANETTINI, Paulo Eduardo. **Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico na casa bandeirista**. 2005. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ZARANKIN, Andrés. Arqueología de la Arquitectura. Another brick in the wall. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, Suplemento**, v. 3, p. 119-128, 1999.

ZARANKIN, Andrés et al. Paredes que domesticam: arqueologia da arquitetura escolar capitalista: o caso de Buenos Aires. 2001.

ZARANKIN, Andrés; NIRO, Claudio. A materialização do sadismo: Arqueologia da Arquitetura dos Centros Clandestinos de Detenção da ditadura militar argentina (1976-1983). **Revista Internacional de Direito e Cidadania**, v. 6, p. 17-32, 2010.

## FIGURAS

Figura 1: Arquivo Noronha Santos disponível em: <<http://www2.iphan.gov.br/ans/inicial.htm>>. Acesso em 21 de dezembro de 2019.

Figura 2: Jacionira Coêlho Silva, 2003.

Figura 3: Moacyr Teles, 2018.

Figuras 4: Leandro Domingues Duran, 2019.

Figuras 5: Santos, 1951.

Figuras 6: Santos, 1951.

Figuras 7: Leandro Domingues Duran, 2019.

Figuras 8: Leandro Domingues Duran, 2018.

Figuras 9: Leandro Domingues Duran, 2018.

Figuras 10: Compilação do Autor, 2019.

Figuras 11: Leandro Domingues Duran, 2019.

Figuras 12: Leandro Domingues Duran, 2019.

Figuras 13: Leandro Domingues Duran, 2019.

Figuras 14: Leandro Domingues Duran, 2019.

Figuras 15: Leandro Domingues Duran, 2019.

Figuras 16: Leandro Domingues Duran, 2019.

Figuras 17: Leandro Domingues Duran, 2019.

Figuras 18: Compilação do Autor, 2019.

Figuras 19: Compilação do Autor, 2019.

Figuras 20: Compilação do Autor, 2019.

Figuras 21: Compilação do Autor, 2019.

Figuras 22: Compilação do Autor, 2019.

Figuras 23: Compilação do Autor, 2019.

*“Seja um vencedor, lute por seus sonhos...”*  
minha vó, dia 15-02-08.